*Para Jayné e Kat, que me encorajam a sonhar acordado sobre naves espaciais.*

# PRÓLOGO: JULIE

A *Scopuli* fora capturada há oito dias, e Julie Mao estava finalmente pronta para levar um tiro.

Foram precisos todos os oito dias que passou presa num cacifo para chegar a esse ponto. Durante os primeiros dois dias, permanecera imóvel, certa de que os homens que a tinham posto ali falavam a sério. Durante as primeiras horas, a nave para onde fora levada não tinha propulsão, pelo que ela flutuou no cacifo, usando toques leves para evitar bater contra as paredes ou contra o fato atmosférico com que partilhava o espaço. Quando a nave começou a mover-se, com a propulsão a dar-lhe peso, ela ficou de pé e em silêncio até ter cãibras nas pernas, sentando-se então lentamente em posição fetal. Urinara no seu macacão, sem se importar com o ardor quente e húmido, nem com o cheiro, preocupada apenas com a possibilidade de escorregar e cair na mancha molhada que deixara no chão. Não podia fazer qualquer barulho. Levaria um tiro.

No terceiro dia, a sede forçou-a a entrar em ação. O barulho da nave era tudo o que ouvia. O ténue ruído subsónico do reator e do motor. Os constantes sibilos e baques do sistema hidráulico e dos trincos de ferro quando as portas de pressão entre pisos abriam e fechavam. Os passos de botas pesadas sobre o chão de metal. Esperou até que todo o barulho que conseguia ouvir parecesse distante. Soltou o fato ambiental de onde estava preso e pousou-o no chão do cacifo. Atenta a qualquer som que se aproximasse, desmontou lentamente o fato e tirou-lhe a reserva de água. Era água claramente lamacenta; o fato não era usado nem reparado há anos. Mas ela não bebia há dias, e a aquela água quente era a melhor coisa que já tinha provado. Teve de se esforçar para não a beber toda de uma só vez e ficar com vómitos.

Quando a bexiga voltou a encher, arrancou o saco do cateter e urinou nele. Sentou-se no chão, agora acomodada pelo fato almofadado e

quase confortável, e questionou-se sobre quem eram os seus captores: a Marinha da Coligação, piratas, algo pior. Às vezes, dormia.



No quarto dia, o isolamento, o tédio e o número cada vez menor de lugares onde armazenar a sua urina levaram-na a, finalmente, estabelecer contacto com eles. Ouvira gritos de dor abafados. Algures por perto, os seus companheiros de bordo estavam a ser espancados ou torturados. Se ela chamasse a atenção dos raptores, talvez a levassem para junto dos restantes. Tudo bem. Ela aguentaria ser espancada. Parecia um pequeno preço a pagar, se significasse que podia voltar a ver pessoas.

O cacifo ficava ao lado da porta interior da câmara de ar. Durante o voo, essa não costumava ser uma área muito movimentada, embora ela não soubesse nada sobre a disposição desta nave em particular. Pensou no que diria, como se apresentaria. Quando finalmente ouviu alguém a aproximar-se, tentou apenas gritar que queria sair. O sussurro seco e rouco que saiu da sua garganta surpreendeu-a. Engoliu em seco, mexendo a língua para tentar criar alguma saliva, e fez outra tentativa. Mais um ruído ténue na garganta.

As pessoas estavam logo do outro lado da porta do cacifo. Uma voz falava baixinho. Julie preparava o punho para bater na porta quando ouviu o que dizia.

«Não. Por favor, não. Por favor, não façam isso.»

Era Dave. O mecânico da sua nave. Dave, que colecionava excertos de desenhos animados antigos e que sabia milhares de piadas, a implorar com uma voz pequena e quebrada.

«Não. Por favor, não. Por favor, não façam isso», dizia ele.

O sistema hidráulico e os trincos estalaram quando a porta interior da câmara de ar se abriu. O baque de um corpo a ser atirado para o seu interior. Outro estalido quando a câmara de ar se fechou. O sibilo de ar a sair.

Quando o ciclo da câmara de ar terminou, as pessoas do outro lado da porta do cacifo afastaram-se. Ela não bateu na porta para lhes chamar a atenção.



Tinham limpado a nave. A detenção pelas marinhas dos planetas interiores era um mau cenário, mas todos eles tinham treinado para lidar com isso. Dados sensíveis da APE foram eliminados e substituídos por registos aparentemente inócuos com datas falsas. O capitão apagara tudo o que fosse demasiado sensível para estar num computador. Quando os atacantes entrassem a bordo, poderiam fingir-se inocentes.

Mas não importara.

Não houve perguntas sobre carga ou autorizações. Os invasores entraram como se fossem donos de tudo, e o capitão Darren praticamente mostrou a barriga como um cão submisso. Todos os outros (Mike, Dave, Wan Li) limitaram-se a erguer as mãos e a seguir as ordens em silêncio. Os piratas, ou traficantes de escravos, ou o que quer que fossem, arrastaram-nos para fora da pequena nave de carga, que fora o lar dela, para um tubo de acoplagem, sem sequer fornecerem fatos ambientais. A fina camada de Mylar do tubo era a única coisa entre eles e o vazio: tinham de ter esperança de que não rasgasse, senão *adeus, pulmões*.

Julie também seguira as ordens, mas depois os sacanas tentaram pôr-lhe as mãos, arrancar-lhe as roupas.

Cinco anos de jiu-jítsu em baixa gravidade, e estavam num espaço apertado sem gravidade. Ela fizera muitos estragos. Quase começara a achar que talvez vencesse até que, do nada, um punho metálico lhe acertou no rosto. As coisas ficaram enevoadas depois disso. A seguir, cacifo e *Matem-na se ela fizer barulho*. Quatro dias sem fazer barulho enquanto espancavam os seus amigos lá em baixo e atiravam um deles pela câmara de ar.

Ao fim de seis dias, tudo ficou em silêncio.

Alternando entre rasgos de consciência e sonhos fragmentados, ela tinha apenas uma vaga noção enquanto os sons de passos, conversas e portas de pressão e o ruído subsónico do reator e do motor desvaneciam aos poucos. Quando o motor parou, a gravidade também parou, e Julie acordou de um sonho em que pilotava a sua velha lancha numa corrida, dando por si a flutuar enquanto os seus músculos doíam em protesto e depois relaxavam lentamente.

Puxou-se até à porta e encostou o ouvido ao metal frio. O pânico invadiu-a até detetar o ténue som dos recicladores de ar. A nave ainda tinha energia e ar, mas o motor não estava ligado e ninguém estava a abrir uma porta, nem a caminhar, nem a falar. Talvez houvesse uma reunião com a tripulação, ou uma festa noutro piso. Ou talvez toda a gente estivesse a resolver um problema grave na maquinaria.

Ela passou o dia à escuta e à espera.

No sétimo dia, bebeu o seu último gole de água. Não ouvira ninguém a movimentar-se na nave durante vinte e quatro horas. Chupou um pedaço de plástico que arrancara do fato ambiental até reunir alguma saliva; depois, começou a gritar. Gritou até ficar rouca.

Não apareceu ninguém.

No oitavo dia, estava pronta para levar um tiro. Estava sem água há dois dias, e o seu saco de necessidades estava cheio há quatro. Encostou os ombros à parede de trás e firmou as mãos contras as paredes laterais. Depois lançou ambas as pernas com toda a força que conseguiu. As cãibras que seguiram o primeiro pontapé quase a fizeram desmaiar. Em vez disso, gritou.

*Sua estúpida*, disse a si mesma. Estava desidratada. Oito dias sem atividade era mais do que suficiente para começar a atrofia. Devia, pelo menos, ter alongado.

Massajou os seus músculos perros até os nós desaparecerem, depois alongou-se, focando a mente como se estivesse de volta ao dojo. Quando recuperou o controlo do seu corpo, lançou as pernas mais uma vez. E mais uma vez. E mais uma vez, até começar a surgir luz entre as bordas do cacifo. E mais uma vez, até a porta estar tão dobrada que as três dobradiças e o trinco eram os únicos pontos de contacto com a moldura.

E uma última vez, dobrando-a o suficiente para que o trinco se soltasse e a porta se abrisse.

Julie saiu do cacifo de rompante, com as mãos ligeiramente erguidas e pronta a parecer ameaçadora ou aterrorizada, dependendo do que parecesse mais útil.

Não havia ninguém no piso inteiro: a câmara de ar, o cacifo para fatos onde passara os últimos oito dias, mais meia dúzia de arrecadações. Tudo

vazio. Ela encontrou um fato para atividades extraveiculares, arrancou-lhe uma chave de grifo magnetizada com um tamanho adequado para rachar crânios e desceu pela escada da tripulação até ao piso abaixo.

E depois desceu mais um piso, e mais um. Camarotes da tripulação, extremamente arrumados, quase de forma militar. A intendência, onde havia sinais de uma luta. A enfermaria de bordo, vazia. Compartimento de torpedos. Ninguém. O posto de comunicações estava sem gente, desligado e trancado. Os poucos registos dos sensores ainda a serem apresentados não mostravam qualquer sinal da *Scopuli*. Um novo aperto de terror nas suas entranhas. Piso após piso e sala após sala sem qualquer sinal de vida. Algo acontecera. Uma fuga de radiação. Veneno no ar. Algo que forçara a uma evacuação. Questionou-se se conseguiria pilotar a nave sozinha.

Mas se eles tivessem evacuado, ela tê-los-ia ouvido a sair pela câmara de ar, certo?

Alcançou a última escotilha do piso, a que levava à maquinaria, e parou quando esta não se abriu automaticamente. Uma luz vermelha no painel de acesso indicava que a sala fora selada a partir do interior. Ela voltou a pensar em radiação e avarias graves. Mas se fosse esse o caso, porquê trancar a porta a partir do interior? E ela passara por vários painéis nas paredes. Nenhum deles mostrava qualquer aviso. Não, não era radiação. Era outra coisa.

Havia mais sinais de disrupção aqui. Sangue. Ferramentas e recipientes espalhados. O que quer que tivesse acontecido, acontecera aqui. Não, começara aqui. E acabara do outro lado daquela porta trancada.

Demorou duas horas, com um maçarico e um pé de cabra da oficina, para abrir a escotilha de acesso à maquinaria. Com o sistema hidráulico comprometido, teve de abri-la à mão. Saiu uma rajada de ar quente e húmido, trazendo um odor a hospital sem o antisséptico. Um cheiro a cobre repugnante. Era a câmara de tortura, então. Os seus amigos estariam no interior, espancados ou cortados em pedaços. Julie segurou a sua chave de grifo e preparou-se para rachar pelo menos uma cabeça antes de a matarem. Flutuou para baixo.

O piso da engenharia era enorme, abobadado como uma catedral. O reator de fusão dominava o espaço central. Havia algo de errado

com ele. Onde ela contava ver leituras, proteções e monitores, uma camada de algo semelhante a lama parecia escorrer sobre o núcleo do reator. Lentamente, Julie flutuou na sua direção, com uma mão ainda na escada. O cheiro peculiar tornou-se avassalador.

Ela nunca vira nada como a estrutura que a lama solidificada em torno do reator formava. Tubos percorriam-na, como veias ou vias respiratórias. Havia partes que pulsavam. Não era lama, então.

Carne.

Uma parte daquela coisa ergueu-se da superfície na direção de Julie. Comparada com o todo, não parecia maior do que um mindinho. Era a cabeça do capitão Darren.

— Socorro — disse aquilo.

# CAPÍTULO UM: HOLDEN

Cento e cinquenta anos antes, quando os desacordos tacanhos entre a Terra e Marte tinham estado à beira da guerra, a Cintura fora um horizonte distante com uma tremenda riqueza mineral, para lá do alcance económico viável, e os planetas exteriores estavam para lá dos sonhos corporativos mais irrealistas. Até Solomon Epstein construir o seu motor de fusão modificado, o enfiar na parte de trás do seu iate para três pessoas e o ligar. Com um bom telescópio, ainda se consegue ver a sua nave a viajar a uma pequena percentagem da velocidade da luz, em direção ao grande vazio. O melhor e mais longo funeral na história da humanidade. Felizmente, ele deixara os planos no computador de sua casa. O motor Epstein não dera à humanidade o acesso às estrelas, mas conseguira o acesso aos planetas.

Com três quartos de um quilómetro de comprimento, um quarto de um quilómetro de largura (mais ou menos a forma de uma boca de incêndio) e maioritariamente espaço vazio no interior, a *Canterbury* era uma nave de transporte colonial reaproveitada. Outrora, estivera a abarrotar com pessoas, mantimentos, esquemas, máquinas, bolhas ambientais e esperança. Quase vinte milhões de pessoas viviam nas luas de Saturno agora. A *Canterbury* transportara quase um milhão dos seus antepassados até lá. Quarenta e cinco milhões nas luas de Júpiter. Uma das luas de Úrano tinha cinco mil, o posto mais afastado de civilização humana, pelo menos até os Mórmones terminarem a sua nave geracional e seguirem para as estrelas e para a liberdade de restrições de procriação.

E depois havia a Cintura.

Perguntando aos recrutadores da APE quando estivessem bêbedos e a sentirem-se expansivos, talvez eles dissessem que havia uma centena de milhões na Cintura. Perguntando a um agente de recenseamento dos planetas interiores, a resposta estaria mais próxima dos cinquenta

milhões. De qualquer maneira, a população era enorme e precisava de imensa água.

Por isso, a *Canterbury* e a sua dúzia de naves gémeas na empresa de água Pur'n'Kleen faziam agora o percurso de ida e volta entre os anéis generosos de Saturno e a Cintura, carregando glaciares, e assim fariam até as naves envelhecerem e se tornarem sucata.

Jim Holden via uma certa poesia nisso.

— Holden?

Ele voltou-se para o hangar. A engenheira-chefe Naomi Nagata pairava acima dele. Ela tinha quase dois metros de altura, com a sua trunfa de cabelo preto e encaracolado presa num rabo de cavalo, e uma expressão suspensa entre uma certa diversão e a irritação. Ela tinha o hábito cinturiano de encolher os ombros com um movimento de mãos muito exagerado.

— Holden, estás a ouvir, ou só a olhar pela janela?

— Houve um problema — disse Holden. — E como tu és muito, muito boa, podes resolvê-lo, mesmo sem dinheiro ou provisões suficientes.

Naomi riu-se.

— Então estavas a ouvir.

— Não propriamente.

— Bem, o que importa é que percebeste o essencial. O trem de aterragem da *Knight* não vai funcionar bem na atmosfera até eu conseguir substituir os selantes. Isso vai ser um problema?

— Eu pergunto ao velhote — respondeu Holden. — Mas quando foi a última vez que usámos o vaivém na atmosfera?

— Nunca, mas, segundo as regras, precisamos de pelo menos um vaivém atmosfericamente capaz.

— Ei, chefe! — gritou Amos Burton, o assistente terráqueo de Naomi, do outro lado do compartimento. Ele acenou com um braço carnudo na direção deles. O aceno destinava-se a Naomi. Amos podia estar na nave do capitão McDowell; Holden podia ser vice-comandante; mas, no mundo de Amos Burton, Naomi era a única chefe.

— O que se passa? — gritou Naomi de volta.

— Mau cabo. Podes manter esta merda no lugar enquanto encontro o suplente?

Naomi lançou a Holden um olhar que questionava *Já acabámos por aqui?* Ele mostrou-lhe uma saudação sarcástica e ela soltou uma risada, abanando a cabeça ao afastar-se, a sua figura alta e esguia a destacar-se dentro do macacão oleoso.

Sete anos na marinha da Terra, cinco anos a trabalhar no espaço com civis, e ele nunca se habituara aos ossos compridos, esguios e improváveis dos Cinturianos. Uma infância passada na gravidade moldara a forma como via as coisas para sempre.

No elevador central, o dedo de Holden pairou brevemente sobre o botão para o piso de navegação, tentado pela possibilidade de Ade Tukunbo, o seu sorriso, a sua voz, o aroma a pachuli e baunilha que ela usava no cabelo… Em vez disso, pressionou o botão para a enfermaria. O dever vem antes do prazer.

Shed Garvey, o técnico médico, encontrava-se curvado sobre a sua mesa de laboratório, desbridando o alto no braço esquerdo de Cameron Paj, quando Holden apareceu. Um mês antes, Paj ficara com o cotovelo preso por um bloco de trinta toneladas de gelo a mover-se a cinco milímetros por segundo. Não era uma lesão incomum entre pessoas com o trabalho perigoso de cortar e transportar icebergues em gravidade zero, e Paj estava a encarar toda a situação com o fatalismo de um profissional. Holden inclinou-se sobre o ombro de Shed para observar, enquanto o técnico arrancava uma das larvas médicas do tecido morto.

— Qual é a avaliação? — questionou Holden.

— Parece estar no bom caminho, senhor — respondeu Paj. — Ainda tenho alguns nervos. O Shed tem-me falado sobre como a prótese vai ligar-se a ele.

— Assumindo que conseguimos manter a necrose sob controlo — disse o técnico médico. — E assegura-te de que o Paj não recupera demasiado antes de chegarmos a Ceres. Verifiquei a apólice, e o Paj já está há tempo suficiente para conseguir um com reação à força, sensores de pressão e temperatura e *software* de motricidade fina. O pacote completo. Vai ser quase tão bom como um braço verdadeiro. Os planetas interiores têm um novo biogel que faz com que o membro volte a crescer, mas isso não está incluído no nosso plano médico.

— Que se lixem os Interiores e a sua gelatina mágica. Prefiro ter um bom braço falso construído por cinturianos do que qualquer coisa que aqueles sacanas criem num laboratório. Provavelmente, basta usarmos o braço todo moderno deles para nos tornarmos uns idiotas — comentou Paj. Depois, acrescentou: — Sem ofensa, vice.

— Não te preocupes. Fico contente por conseguirmos deixar-te todo arranjado — disse Holden.

— Diz-lhe a outra coisa — incitou Paj com um sorriso perverso. Shed corou.

— Eu… hum… ouvi dos outros tipos que o têm… — começou Shed, sem encarar Holden. — Aparentemente há um período, enquanto ainda se está a criar identificação com a prótese, durante o qual parece que é outra pessoa a bater-te uma punheta.

Holden deixa o comentário assentar enquanto as orelhas de Shed ficam vermelhas.

— É bom saber — disse Holden. — E quanto à necrose?

— Há alguma infeção — respondeu Shed. — As larvas estão a mantê-la sob controlo, e a inflamação até é uma coisa boa neste contexto, por isso não vamos combatê-la demasiado, a não ser que comece a espalhar-se.

— Ele vai estar pronto para o próximo trabalho? — perguntou Holden.

Pela primeira vez, Paj franziu o rosto.

— Claro que vou estar pronto, porra. Estou sempre pronto. Isto é o que eu *faço*, senhor.

— Provavelmente — disse Shed. — Dependendo de como a ligação recupera. Se não for para este, então estará pronto para o seguinte.

— Que se lixe — soltou Paj. — Mesmo sem uma mão, consigo carregar gelo melhor do que metade dos falhados que têm nesta nave.

— Mais uma vez — diz Holden, contendo um sorriso —, é bom saber. Podem prosseguir.

Paj fungou com uma risada. Shed arrancou outra larva. Holden voltou ao elevador, e desta vez não hesitou.

A estação de navegação da *Canterbury* não era propriamente impressionante. Os grandes monitores a ocupar paredes inteiras que Holden

imaginara quando se voluntariou para a marinha ainda existiam em naves capitais, mas, até aí, eram mais um artefacto do *design* original do que algo necessário. Ade estava sentada perante um par de ecrãs, não muito maiores do que um terminal manual. Gráficos de eficiência e potência do reator e motor da *Canterbury* atualizavam-se nos cantos. Registos em bruto desenrolavam-se à direita enquanto os sistemas os forneciam. Ela usava auscultadores grossos que cobriam as suas orelhas, com a batida a escapar ligeiramente. Se a *Canterbury* detetasse alguma anomalia, iria alertá-la. Se um sistema desse erro, iria alertá-la. Se o capitão McDowell deixasse o posto de comando e de controlo, iria alertá-la, para que desligasse a música e parecesse ocupada quando ele chegasse. O seu hedonismo mesquinho era apenas uma entre um milhar de coisas que tornavam Ade tão atraente para Holden. Ele aproximou-se por trás dela, tirou-lhe os auscultadores gentilmente e cumprimentou-a:

— Olá.

Ade sorriu, deu um toque no ecrã e pousou os auscultadores em volta do seu pescoço alto e esguio, como se fosse uma joia tecnológica.

— Vice-comandante James Holden — disse ela com uma formalidade exagerada, acentuada pelo seu sotaque nigeriano carregado. — E o que posso fazer por si?

— Sabes, tem graça que perguntes — responde ele. — Estava agora mesmo a pensar como seria agradável receber alguém no meu camarote quando chegar a vez do terceiro turno. Ter um pequeno jantar romântico com a mesma porcaria que estiverem a servir na cozinha. Ouvir um pouco de música.

— Beber um pouco de vinho — acrescentou ela. — Quebrar um pouco o protocolo. Bonito de pensar, mas não me apetece sexo esta noite.

— Eu não estava a falar de sexo. Um pouco de comida. Conversa.

— Eu estava a falar de sexo — disse ela.

Holden ajoelhou-se ao lado da cadeira dela. Como a sua aceleração atual criava apenas um terço de *g*, era perfeitamente confortável. O sorriso de Ade suavizou. O rolo de registos tocou; ela olhou de relance, carregou num botão e voltou a encará-lo.

— Ade, gosto de ti. Quero dizer, gosto mesmo da tua companhia. Não percebo porque não podemos passar tempo juntos sem tirar a roupa.

— Holden. Querido. Para com isso, está bem?

— Paro com o quê?

— Para de me tentar transformar na tua namorada. És um tipo simpático. Tens um rabo jeitoso e és divertido na cama. Não significa que estejamos noivos.

Holden balançou para trás sobre os calcanhares, sentindo o seu rosto a franzir-se.

— Ade. Para que isto funcione para mim, tem de ser mais do que isso.

— Mas não é — disse ela, segurando-lhe a mão. — E não tem mal que não seja. És o vice daqui, e eu estou em serviço temporário. Talvez mais um trabalho, ou até dois, e depois vou-me embora.

— Eu também não estou preso a esta nave.

O seu riso tinha tanto de caloroso como de descrença.

— Há quanto tempo estás na *Cant*?

— Cinco anos.

— Não vais a lado nenhum — disse ela. — Estás confortável aqui.

— Confortável? — retorquiu ele. — A *Cant* é uma cargueira de gelo com cem anos. Daria para encontrar um trabalho numa nave mais merdosa do que esta, mas seria bastante difícil. Toda a gente aqui é extremamente subqualificada ou, pelo menos, fez uma grande asneira no trabalho anterior.

— E tu estás confortável aqui. — O seu olhar era menos amável agora. Ela mordeu o lábio, baixou o olhar para o ecrã, e voltou a levantá-lo.

— Não mereci isso — disse ele.

— Pois não — concordou ela. — Olha, eu disse-te que não me apetecia esta noite. Estou rabugenta. Preciso de uma boa noite de sono. Amanhã vou estar mais simpática.

— Prometes?

— Até te faço o jantar. Desculpas aceites?

Ele deslizou em frente, pressionando os lábios contra os dela. Ela retribuiu o beijo, educadamente de início, mas depois com mais entusiasmo.

Os seus dedos seguraram o pescoço dele por um momento, e depois afastaram-no.

— És demasiado bom nisto. Agora devias ir. Estamos ao serviço e tal.

— Está bem — disse ele, sem se virar para ir.

— Jim — disse ela, e o sistema de comunicação de toda a nave ativou-se.

— Holden chamado à ponte de comando — anunciou o capitão McDowell, a sua voz comprimida e com eco. Holden respondeu com algo obsceno. Ade riu-se. Ele deu-lhe um beijo na bochecha e dirigiu-se para o elevador central, desejando secretamente que o capitão McDowell sofresse de acne e humilhação pública pela interrupção inoportuna.

A ponte era pouco maior do que os aposentos de Holden, e muito mais pequena do que a cozinha. Tirando o monitor do capitão um pouco maior do que o costume, necessário por causa da visão cada vez pior do capitão McDowel (e da sua falta de confiança na cirurgia corretiva), a área podia ser a sala das traseiras de uma empresa de contabilidade. O ar cheirava a adstringente de limpeza e ao chá de erva-mate demasiado forte de alguém. McDowell endireitou-se no seu lugar enquanto Holden se aproximava. Depois, o capitão recostou-se, apontando por cima do ombro para a estação de comunicações.

— Becca! — soltou McDowell. — Conte-lhe.

Rebecca Byers, a oficial de comunicações ao serviço, poderia ter nascido de um cruzamento entre um tubarão e um machado. Olhos negros, traços afiados, lábios tão estreitos que praticamente não existiam. A história contada a bordo era que ela aceitara o trabalho para escapar à prisão por ter matado um ex-marido. Holden gostava dela.

— Sinal de emergência — informou ela. — Detetado há duas horas. A verificação do transmissor-recetor acabou de vir da *Callisto*. É verdadeiro.

— Ah! — disse Holden. E depois: — Porra. Somos os mais próximos?

— Somos a única nave por alguns milhões de quilómetros.

— Bem. Faz sentido — comentou Holden.

Becca virou o seu olhar para o capitão. McDowell estalou os nós dos dedos e fitou o monitor. A luz do ecrã lançava uma estranha luz esverdeada sobre ele.

— Encontra-se junto de um asteroide já cartografado fora da Cintura — explicou McDowell.

— A sério? — Holden estava espantado. — Foram contra ele? Não há mais nada por milhões de quilómetros.

— Talvez tenham parado lá porque alguém tinha de mijar. Tudo o que sabemos é que algum idiota está lá fora, a emitir um sinal de emergência, e nós somos os mais próximos. Assumindo…

A lei do Sistema Solar era inequívoca. Num ambiente tão hostil à vida como o espaço, a ajuda e a boa vontade para com o próximo não era opcional. A mera existência do sinal de emergência obrigava a nave mais próxima a parar e prestar ajuda. Contudo, isto não significava que a lei fosse seguida de forma universal.

A *Canterbury* estava completamente carregada. Muito mais do que uma tonelada de gelo fora acelerada gentilmente durante o último mês. Tal como o pequeno glaciar que esmagara o braço de Paj, seria difícil de travar. A tentação de ter uma falha de comunicações inexplicada, apagando os registos e deixando o grande deus Darwin prosseguir com a sua vontade, estava sempre presente.

Mas, se essa fosse mesmo a intenção de McDowell, ele não teria chamado Holden. Nem feito a sugestão onde a tripulação o conseguia ouvir. Holden compreendia esta dança. O capitão ia ser aquele que teria ignorado o assunto, se não fosse por Holden. Vários membros da tripulação iriam respeitar o capitão por não querer diminuir o lucro da nave. E respeitariam Holden por insistir que seguissem a regra. Independentemente do que acontecesse, tanto o capitão como Holden seriam odiados pelo que eram obrigados a fazer por lei e por mera decência humana.

— Temos de parar — disse Holden. Depois, tentando encorajar: — Talvez se consiga alguma recompensa.

McDowell tocou no seu ecrã. A voz de Ade soou da consola, tão grave e quente como se ela estivesse ali mesmo.

— Capitão?

— Preciso de números para a travagem desta nave — declarou ele.

— Senhor?

— Quão difícil vai ser pôr-nos ao lado do CA-2216862?

— Vamos parar num asteroide?

— Eu explico assim que seguir a minha ordem, navegadora Tukubo.

— Sim, senhor — respondeu ela. Holden ouviu uma série de cliques. — Se virarmos a nave agora mesmo e lhe dermos no máximo durante quase dois dias, consigo pôr-nos a cinquenta mil quilómetros, senhor.

— Consegue definir «dar-lhe no máximo»? — pediu McDowell.

— Vamos precisar de toda a gente em assentos amortecedores.

— Claro que vamos. — McDowell suspirou e coçou a sua barba desgrenhada. — E o gelo a deslizar só vai causar uns milhões em estragos no casco, se tivermos sorte. Estou a ficar velho para isto, Holden. Estou mesmo.

— Sim, senhor. Pois está. E eu sempre gostei da sua cadeira — disse Holden. McDowell franziu o rosto e fez um gesto obsceno. Rebecca soltou uma risada. McDowell virou-se para ela.

— Envie uma mensagem à origem do sinal a dizer que estamos a caminho. E avise Ceres de que vamos chegar atrasados. Holden, como está a *Knight*?

— Não pode voar em atmosfera até conseguirmos algumas peças, mas aguenta bem cinquenta mil quilómetros em vácuo.

— Tem a certeza disso?

— Foi a Naomi que o disse. O que significa que é verdade.

McDowell levantou-se, desdobrando-se em quase dois metros e vinte, e mais esguio do que um adolescente na Terra. Com a sua idade e sem nunca ter vivido num poço gravitacional, era provável que a viagem que se avizinhava fosse um inferno para o velhote. Holden sentiu uma pontada de pena, que nunca expressaria para não envergonhar McDowell.

— A questão é esta, Jim — disse McDowell, a sua voz baixa o suficiente para que apenas Holden o conseguisse ouvir. — Temos a obrigação de parar e fazer uma tentativa, mas não temos de fazer todos os esforços possíveis. Percebe o que quero dizer?

— Já vamos estar parados — realçou Holden, e McDowell deu uma palmadinha no ar com as suas mãos largas e aranhescas. Um dos vários gestos cinturianos que evoluíra para se tornar visível ao usar um fato ambiental.

— Não consigo evitar isso — disse ele. — Mas se vir alguma coisa lá fora que pareça estranha, não se volte a armar em herói. Só tem de dar meia volta e regressar.

— E deixar o problema para a próxima nave que passar por aqui?

— E manter-se a salvo — argumentou McDowell. — É uma ordem. Entendido?

— Entendido — assegurou Holden.

Enquanto o sistema de comunicação de toda a nave se ligava e McDowell começava a explicar a situação à tripulação, Holden imaginou que conseguia ouvir um coro de resmungos a subir pelos pisos. Aproximou-se de Rebecca.

— Muito bem — disse ele. — O que sabemos sobre a nave avariada?

— Cargueira leve. Registo marciano. Baseada no porto de Eros. Chama-se *Scopuli*…

## CAPÍTULO DOIS: MILLER

O detetive Miller estava sentado na cadeira estofada, sorrindo de forma gentilmente encorajadora enquanto tentava perceber a história da rapariga.

— E depois foi tudo pás! Sítio cheio de rapagões a uivar e abanar canelas — disse a rapariga, abanando uma mão. — Parece dança, só que o Bomie tem este olhar nunca sabe nada de nada ámen. 'Cê sabe, que?

Havelock, de pé junto à porta, piscou os olhos duas vezes. O rosto do homem atarracado estremeceu com impaciência. Era por isso que Havelock nunca chegaria a detetive sénior. E também era por isso que não se safava no póquer.

Miller era muito bom no póquer.

— Eu totalmente — assegurou Miller. A sua voz adotara o sotaque de um residente interior. Abanou a mão no mesmo arco lento que a rapariga usara. — Bomie, ele não viu. Braço esquecido.

— Porra de braço esquecido, iá — repetiu a rapariga, como se Miller tivesse proferido uma frase do evangelho.

Miller acenou com a cabeça, e a rapariga acenou de volta, como se fossem duas aves a fazer uma dança de acasalamento.

A espelunca arrendada consistia em três divisões em tons creme com manchas pretas: quarto de banho, cozinha e sala de estar. Os suportes de uma cama retráctil na sala já tinham sido partidos e arranjados tantas vezes que já não se contraíam. Aqui, tão perto do centro de rotação de Ceres, isso não se devia tanto à gravidade, mas sim ao momento. O ar cheirava a cerveja com velha levedura proteica e cogumelos. Comida local, por isso, quem quer que tivesse abanado suficientemente a cama da rapariga para a partir, não pagara o suficiente para o jantar. Ou talvez tivesse, e a rapariga escolhera gastar o dinheiro em heroína, malta ou MCK.

Ela é que sabe, de qualquer maneira.

— Segue que? — perguntou Miller.

— O Bomie evacua como perder ar — respondeu a rapariga com uma risada. — Pancada salta, kennis tu?

— Ken — disse Miller.

— Agora, todos novos rapagões. Acima cabeça. Estou fora.

— E o Bomie?

O olhar da rapariga percorreu Miller lentamente, dos sapatos aos joelhos e ao chapéu de abas. Miller riu-se. Empurrou ligeiramente a cadeira, levantando-se na baixa gravidade.

— Ele aparece e eu perguntei, que si? — disse Miller.

— Como não? — disse a rapariga. *Porque não?*

O túnel lá fora era branco onde não estava sujo. Com dez metros de largura, e a subir ligeiramente em ambas as direções. As luzes LED brancas não fingiam imitar a luz do Sol. A cerca de meio quilómetro mais à frente, alguém batera com tanta força na parede que se via a rocha nativa por trás, e ainda não fora reparada. Talvez nunca fosse. Este era o buraco fundo, bem perto do centro de rotação. Os turistas nunca vinham aqui.

Havelock liderou o caminho até ao veículo deles, saltitando demasiado com cada passo. Ele não vinha aos níveis de baixa gravidade muitas vezes, e isso tornava-o desajeitado. Miller vivera em Ceres desde sempre, e, verdade seja dita, o efeito de Coriolis assim tão forte também o deixava um pouco instável às vezes.

— Então — disse Havelock enquanto digitava o código do destino. — Divertiste-te?

— Não sei de que estás a falar — respondeu Miller.

Os motores elétricos acordaram com um zumbido, e o veículo avançou pelo túnel, com os pneus de espuma moles a chiarem levemente.

— Na tua conversinha de planeta exterior em frente ao tipo da Terra? — disse Havelock. — Não consegui acompanhar nem metade daquilo.

— Aquilo não foram cinturianos a excluir o tipo da Terra — esclareceu Miller. — Aquilo foi gente pobre a excluir o tipo instruído. E até foi divertido, agora que falas disso.

Havelock riu-se. Ele aguentava ser gozado e seguia em frente. Era isso que o tornava bom em desportos de equipa: futebol, basquetebol, política.

Miller não era grande coisa a nenhum desses.

Ceres, a cidade portuária da Cintura e dos planetas exteriores, tinha duzentos e cinquenta quilómetros de diâmetro, dezenas de milhares de quilómetros em túneis, em camadas sobre camadas sobre camadas. Pô-la a girar a 0,3 *g* exigira meia geração às melhores mentes na secção de fabrico da Tycho, e eles ainda eram muito convencidos quanto a isso. Agora, Ceres tinha mais de seis milhões de residentes permanentes, e as mil naves atracadas em qualquer dia podiam aumentar a população para sete milhões.

Platina, ferro e titânio da Cintura. Água de Saturno, vegetais e carne das grandes estufas alimentadas por espelhos em Ganimedes e Europa, orgânicos da Terra e de Marte. Baterias de Io, hélio-3 das refinarias em Reia e Jápeto. Um rio de riqueza e poder sem rival na história da humanidade passava por Ceres. Onde havia comércio daquele nível, também havia crime. Onde havia crime, havia forças de segurança para o manter sob controlo. Homens como Miller e Havelock, cuja tarefa era levar os veículos elétricos pelas rampas largas acima, sentir a falsa gravidade da rotação a desaparecer sob eles, e interrogar prostitutas de baixa renda sobre a noite em que Bomie Chatterjee parara de recolher dinheiro de proteção para o a Sociedade do Ramo Dourado.

O posto para a Segurança Star Helix, força policial e guarnição militar para a Estação de Ceres, ficava no terceiro nível a contar da superfície do asteroide, dois quilómetros quadrados e tão escavada na rocha que Miller podia subir cinco andares desde a sua secretária sem sair das instalações. Enquanto Havelock entregava o veículo, Miller foi para o seu cubículo, descarregou a gravação da sua conversa com a rapariga e reproduziu-a de novo. Ia a meio quando o parceiro apareceu pesadamente atrás de si.

— Descobriste alguma coisa? — perguntou Havelock.

— Nada de especial — respondeu Miller. — O Bomie foi atacado por um monte de bandidos locais sem afiliações. Às vezes, um tipo de baixo nível como o Bomie contrata pessoas que fingem atacá-lo, para

que ele possa derrotá-los heroicamente. Aumenta-lhe a reputação. Foi isso que ela quis dizer quando lhe chamou uma dança. Os tipos que foram atrás dele eram desse calibre, só que, em vez de se armar em ninja, o Bomie fugiu e não voltou.

— E agora?

— E agora nada — disse Miller. — É isso que não percebo. Alguém arrasou um coletor do Ramo Dourado, e não há vingança. Quero dizer, pronto, o Bomie é quase insignificante, mas…

— Mas assim que começaram a acabar com os tipos insignificantes, há menos dinheiro a subir para os tipos importantes — completou Havelock. — Então porque é que o Ramo Dourado não executou nenhuma justiça de gangue?

— Não gosto nada disto — comentou Miller.

Havelock riu-se.

— Cinturianos — disse ele. — Uma coisa estranha e acham que todo o ecossistema está a falhar. Se o Ramo Dourado é demasiado fraco para manter aquilo que reivindica, isso é bom. Eles são os maus da fita, lembras-te?

— Sim, mas, digas o que disseres sobre o crime organizado, pelo menos é organizado — realçou Miller.

Havelock sentou-se na pequena cadeira de plástico ao lado da secretária de Miller, e esticou o pescoço para ver a gravação.

— *OK* — disse ele. — O que raio é o «braço esquecido»?

— É um termo de boxe — explicou Miller. — É o golpe com que não contavas.

O computador apitou e a voz da comandante Shaddid soou nos altifalantes.

— Miller? Está aí?

— Hum — soltou Havelock. — Mau presságio.

— O quê? — questionou a comandante, com a voz aguda. Ela nunca ultrapassara por completo o seu preconceito contra as origens interiores de Havelock. Miller ergueu uma mão para silenciar o parceiro.

— Aqui, comandante. O que posso fazer por si?

— Venha ao meu gabinete, por favor.

— A caminho — disse ele.

Miller levantou-se, e Havelock deslizou para a sua cadeira. Nenhum deles falou. Ambos sabiam que a comandante Shaddid os teria chamado juntos se quisesse que Havelock estivesse lá. Outro motivo para o homem nunca chegar a detetive sénior. Miller deixou-o sozinho com a gravação, tentando ultrapassar os detalhes de classe e posição social, de origem e etnia. Algo para demorar uma vida inteira.

O gabinete da comandante Shaddid estava decorado com um estilo suave e feminino. Tapeçarias verdadeiras estavam penduradas nas paredes, e o cheiro a café e canela vinha de um aromatizador no seu filtro de ar que custava cerca de um décimo do que os verdadeiros ingredientes custariam. Ela usava o uniforme de forma casual, com o cabelo solto em volta dos ombros, violando as regulações corporativas. Se alguma vez tivesse pedido a Miller que a descrevesse, a expressão *coloração enganadora* teria sido usada. Ela acenou com a cabeça para uma cadeira, e ele sentou-se.

— O que descobriu? — interrogou ela, mas o seu olhar estava na parede atrás dele. Isto não era um teste; ela estava apenas a fazer conversa.

— O Ramo Dourado parece igual à equipa do Sohiro e aos Loca Greiga. Ainda a postos, mas… distraídos, diria eu. Estão a deixar passar pequenas coisas. Menos bandidos no terreno, menos execução. Tenho meia dúzia de tipos de nível intermédio que desapareceram.

Ele captara a atenção dela.

— Foram mortos? — perguntou. — Um avanço pela APE?

Um avanço pela APE era a sombra constante que pairava sobre a segurança de Ceres. Vivendo pela tradição de Al Capone e do Hamas, do IRA e do Marcianos Vermelhos, a APE era adorada pelas pessoas que ajudava e temida por aqueles que se metiam no seu caminho. Parte movimento social, parte aspirante a nação e parte rede terrorista, faltava-lhe por completo uma consciência institucional. A comandante Shaddid podia não gostar de Havelock por ele ser do fundo de um poço gravitacional, mas estava disposta a trabalhar com ele. A APE tê-lo-ia posto numa câmara de ar. Pessoas como Miller só teriam direito a uma bala no crânio, e uma de plástico. Nada que pudesse deixar estilhaços nas tubagens.

— Não me parece — disse ele. — Não me cheira a guerra. É… Sinceramente, comandante, não sei que raio pode ser. Os números são ótimos. A proteção baixou, as apostas sem licença também. O Cooper e a Hariri fecharam o bordel de menores na seis, e ninguém se apercebeu de que tenha aberto novamente. Há um pouco mais de ação por parte dos independentes, mas, tirando isso, parece estar tudo ótimo. Mas parece-me estranho.

Ela acenou com a cabeça, mas o seu olhar estava de volta à parede. Ele perdera o interesse dela tão rapidamente como o conquistara.

— Bem, deixe isso de lado — declarou ela. — Tenho algo. Um novo contrato. Só você. Sem o Havelock.

Miller cruzou os braços.

— Novo contrato — repetiu ele lentamente. — O que significa?

— Significa que a Segurança Star Helix aceitou um contrato para serviços à parte da responsabilidade pela segurança de Ceres, e, no meu papel de gestora no terreno para a corporação, vou encarregá-lo disso.

— Estou a ser despedido? — perguntou ele.

A comandante Shaddid parecia angustiada.

— É um dever adicional — esclareceu ela. — Ainda vai ter os casos em Ceres que tem agora. É só que, além disso… Olhe, Miller, eu também acho que isto é uma merda. Não vou tirá-lo do posto. Não vou tirá-lo do contrato principal. Isto é um favor que alguém na Terra está a fazer por um acionista.

— Agora fazemos favores a acionistas? — questionou Miller.

— Você vai fazer, sim — confirmou a comandante Shaddid. A gentileza desaparecera; o tom conciliatório também. Os seus olhos estavam tão escuros como rocha molhada.

— Muito bem, então — disse Miller. — Parece que vou.

A comandante Shaddid levantou o seu terminal manual. Miller procurou o seu, pegou nele e aceitou a transferência de raio-curto. O que quer que isto fosse, Shaddid estava a mantê-lo fora da rede comum. Uma nova árvore de ficheiros, intitulada JMAO, apareceu no seu terminal.

— É um caso de «filha mais nova desaparecida» — revelou a comandante Shaddid. — Ariadne e Jules-Pierre Mao.

Os nomes soavam familiares. Miller pressionou os dedos no ecrã do seu terminal manual.

— Mao-Kwikowski Mercantil? — perguntou ele.

— Isso mesmo.

Miller assobiou baixinho.

A Maokwik podia não ser uma das dez maiores corporações na Cintura, mas estava certamente no *top* 50. Originalmente, fora um escritório de advogados envolvido no falhanço épico das cidades-nuvem venusianas. Tinham usado o dinheiro desse processo legal que durou décadas para diversificar e expandir, principalmente para transporte interplanetário. Agora, o posto corporativo era independente, flutuando entre a Cintura e os planetas interiores com a majestosidade de um transatlântico em mares ancestrais. O simples facto de Miller saber tanto sobre eles significava que tinham dinheiro suficiente para comprar e vender livremente homens como ele.

Ele acabara de ser comprado.

— São baseados em Luna — disse a comandante Shaddid. — Todos os direitos e privilégios da cidadania terráquea. Mas fazem muitos transportes e negócios por aqui.

— E perderam uma filha?

— A ovelha negra. Foi para a universidade, envolveu-se num grupo chamado Fundação Horizontes Longínquos. Estudantes ativistas.

— Pertencem à APE — disse Miller.

— Associados — corrigiu Shaddid. Miller deixou passar, mas uma pontada de curiosidade perturbava-o. Questionou de que lado a comandante Shaddid ficaria se a APE atacasse. — A família desvalorizou-o, considerando-o uma fase. Têm dois filhos mais velhos com participação maioritária, por isso, se a Julie quisesse andar por aí no vácuo a intitular-se de combatente pela liberdade, não era grave.

— Mas agora querem que a encontre — realçou Miller.

— Querem.

— O que mudou?

— Não acharam adequado partilhar essa informação.

— Certo.

— Os últimos registos mostram que ela tinha um emprego na Estação Tycho, mas mantinha um apartamento aqui. Encontrei a secção dela na rede e bloqueei-a. A palavra-passe está nos seus ficheiros.

— *OK* — disse Miller. — Qual é a minha tarefa?

— Encontrar a Julie Mao, detê-la e mandá-la para casa.

— É um trabalho de rapto, então.

— Sim.

Miller baixou o olhar para o seu terminal manual, abrindo os ficheiros sem olhar atentamente para eles. Um nó estranho atara-se nas suas entranhas. Estivera a trabalhar na segurança de Ceres há trinta anos, e já não começara com grandes ilusões. A ironia é que Ceres não tinha leis, tinha polícia. As mãos dele não estavam mais limpas do que as da comandante Shaddid. Às vezes, as pessoas caíam de câmaras de ar. Às vezes, as provas desapareciam dos cofres. Não importava muito se era certo ou errado, apenas se era justificado. Cada um passava a vida numa bolha de rocha, com a sua comida, a sua água, o seu *ar* transportado desde lugares tão distantes que mal se conseguia encontrá-los com um telescópio, e uma certa flexibilidade moral era necessária. Mas ele nunca precisara de aceitar um rapto antes.

— Algum problema, detetive?

— Não, comandante — assegurou ele. — Eu trato disso.

— Não perca demasiado tempo com isto — disse ela.

— Sim, comandante. Mais alguma coisa?

O olhar duro da comandante Shaddid suavizou, como se estivesse a pôr uma máscara. Ela sorriu.

— Está a correr tudo bem com o seu parceiro?

— Não é mau andar com o Havelock — respondeu Miller. — Tê-lo por perto faz com que pessoas como eu pareçam melhores por contraste. Isso é bom.

O sorriso dela tornou-se, simplesmente, meio grau mais genuíno. Nada como partilhar um pouco de racismo para reforçar os laços com a chefe. Miller acenou com a cabeça e saiu.



O buraco dele ficava no oitavo nível, junto a um túnel residencial com cem metros de largura e cinquenta metros de parque verdejante cuidadosamente cultivado a percorrer o centro. O teto abobadado do corredor principal era iluminado por luzes embutidas e pintado num tom de azul que Havelock garantira assemelhar-se ao céu de verão na Terra. Viver na superfície de um planeta, com massa a sugar cada osso e músculo, e nada a não ser a gravidade a manter o ar por perto, parecia um caminho rápido para a loucura. Mas aquele azul era agradável.

Algumas pessoas faziam o mesmo que a comandante Shaddid, perfumando o seu ar. Nem sempre com aroma a café e canela, claro. O buraco de Havelock cheirava a pão cozido. Outros optavam por aromas florais ou semiferomonas. Candance, a ex-mulher de Miller, preferia algo chamado Lírio-da-Terra, que sempre o lembrara dos níveis de reciclagem. De momento, ele deixava-o com o cheiro vagamente adstringente da própria estação. Ar reciclado que passara por milhões de pulmões. Água da torneira tão limpa que podia ser usada em laboratórios, mas que já fora mijo, merda, lágrimas e sangue, e voltaria a sê-lo. O ciclo da vida em Ceres era tão pequeno que dava para ver a sua curva. Ele gostava das coisas assim.

Serviu-se de um copo de uísque de musgo, uma bebida típica de Ceres feita com levedura manipulada, descalçou-se e acomodou-se na cama de espuma. Ainda conseguia ver a cara de reprovação de Candance e ouvir o seu suspiro. Encolheu os ombros como desculpa à memória dela e regressou ao trabalho.

Juliette Andromeda Mao. Leu todo o seu histórico e registos académicos. Piloto de lanchas talentosa. Havia uma foto dela com dezoito anos num fato VAC feito à medida e sem capacete: uma rapariga bonita com a constituição esguia de cidadã lunar e cabelo preto comprido. Sorria como se o universo a tivesse beijado. O texto anexado dizia que ela conseguira o primeiro lugar em algo chamado «Parrish/Dorn 500 Mil». Ele fez uma breve pesquisa. Era algum tipo de corrida tão cara que apenas pessoas muito ricas conseguiam participar. A lancha dela, a *Razorback*, batera o recorde anterior e mantivera-o por dois anos.

Miller bebeu um gole do seu uísque e questionou o que acontecera à rapariga, com riqueza e poder suficiente para ter uma nave privada,

que a tivesse levado a isto. Era estranho ter passado de competir em corridas espaciais para ser atada e mandada para casa numa cápsula. Ou talvez não fosse.

— Pobre menina riquinha — comentou Miller para o ecrã. — Parece que a tua vida não é assim tão boa.

Ele fechou os olhos e bebeu de forma calma e séria, fitando o teto branco acima. A cadeira onde Candance se costumava sentar e perguntar-lhe sobre o seu dia estava vazia, mas ele conseguia vê-la lá na mesma. Agora que ela não estava aqui para o obrigar a falar, era mais fácil respeitar o impulso. Ela sentira-se sozinha. Ele conseguia perceber isso agora. Na sua imaginação, ela revirava os olhos.

Uma hora mais tarde, com o seu sangue aquecido pela bebida, ele aqueceu uma taça de arroz verdadeiro e feijões falsos (levedura e fungos conseguiam imitar qualquer coisa com a quantidade certa de uísque), abriu a porta do seu buraco e jantou enquanto observava o tráfego a curvar ligeiramente. O segundo turno afluía para dentro das estações de metro e depois para fora. Os miúdos que vivem dois buracos abaixo (uma menina de oito anos e o irmão de quatro) recebiam o pai com abraços, guinchos acusações mútuas e lágrimas. O teto azul brilhava com a sua luz refletida, inalterável, estático, reconfortante. Um pardal esvoaçava pelo túnel, pairando de uma forma que Havelock assegurara não ser possível na Terra. Miller atirou-lhe um feijão falso.

Tentou pensar em Mao, mas a verdade é que não se importava muito. Havia algo a acontecer às famílias do crime organizado em Ceres, e isso deixava-o bastante nervoso.

Esta questão sobre Julie Mao? Era uma distração.

# CAPÍTULO TRÊS: HOLDEN

Após quase dois dias inteiros de alta gravidade, os joelhos, as costas e o pescoço de Holden estavam doridos. E a cabeça. Fogo, até os pés. Ele entrou na escotilha da tripulação da *Knight* no momento em que Naomi estava a trepar a escada desde o compartimento de carga. Ela sorriu e levantou-lhe o polegar.

— O meca de resgate está seguro — informou ela. — O reator está a aquecer. Estamos prontos a descolar.

— Ótimo.

— Já temos piloto? — interrogou ela.

— O Alex Kamal está na rotação pronta de hoje, por isso ele é o nosso homem. Até preferia que fosse o Valka hoje. Ele não é tão bom piloto como o Alex, mas é mais silencioso, e dói-me a cabeça.

— Eu gosto do Alex. Ele é efervescente — comentou Naomi.

— Não sei o que é uma pessoa *efervescente*, mas se é algo que se refere ao Alex, então deixa-me cansado.

Holden começou a subir a escada até às operações e ao *cockpit*. Na superfície preta e brilhante de um painel de parede desativado, o reflexo de Naomi sorria nas suas costas. Ele não conseguia perceber como é que os Cinturianos, esguios como lápis, recuperavam na gravidade elevada tão rapidamente. Talvez fossem as décadas de prática e reprodução seletiva.

Nas operações, Holden acomodou-se na consola de comando, com o material do assento amortecedor a confortar silenciosamente o seu corpo. No meio *g* em que Ade os pusera para a aproximação final, a sensação da espuma era agradável. Um pequeno gemido escapou-lhe. Os interruptores, de plástico e metal, feitos para aguentar fortes *g* e centenas de anos, faziam estalidos fortes. A *Knight* respondeu com uma variedade de indicadores de diagnóstico a brilhar e um zumbido quase subliminar.

Alguns minutos depois, Holden viu o cabelo preto e ralo de Alex Kamal a aparecer, seguido pelo seu rosto alegre, de um tom castanho-escuro que nem anos a viver numa nave conseguiam empalidecer. Tendo crescido em Marte, Alex tinha uma constituição mais robusta do que a de um cinturiano. Ele era mais esguio comparado com Holden, e, ainda assim, o seu fato de voo esticava-se sobre a sua cintura cada vez maior. Alex pilotara na marinha marciana, mas claramente desistira do exercício físico ao estilo militar.

— *Howdy*, vice — cumprimentou ele no seu tom arrastado. O vocabulário e o sotaque do velho oeste comuns a toda a gente do Valles Marineris irritava Holden. Não havia um *cowboy* na Terra há cem anos, e Marte não tinha uma folha de relva que não estivesse sob uma cúpula, nem um cavalo que não estivesse num zoo. O Valles Marineris fora estabelecido por sul-asiáticos, chineses e um pequeno grupo de texanos. Aparentemente, o sotaque era viral. Todos o tinham agora. — Como está o velho cavalo de guerra hoje?

— Bem, até agora. Precisamos de um plano de voo. A Ade vai fazer uma travagem relativa em — ele verificou os valores — quarenta, por isso trabalhe depressa. Quero sair, tratar do assunto e pôr a *Cant* a regressar à rota para Ceres antes de ela começar a enferrujar.

— Entendido — respondeu Alex, trepando para o *cockpit* da *Knight*.

Um estalido soou no auscultador de Holden; depois, a voz de Naomi disse:

— O Amos e o Shed estão a bordo. Estamos todos prontos aqui.

— Obrigado. Estamos só à espera dos dados de voo do Alex e depois estamos prontos.

A tripulação era a mínima necessária: Holden a comandar, Alex para os levar até lá e trazer de volta, Shed para o caso de haver sobreviventes para tratar, Naomi e Amos para resgatar material, no caso de não haver sobreviventes.

Não demorou muito até que Alex anunciasse:

— Muito bem, chefe. Vai ser um voo de chaleira de cerca de quatro horas. Uso total de massa em cerca de trinta por cento, mas temos o depósito cheio. Tempo total de missão: onze horas.

— Entendido. Obrigado, Alex — disse Holden.

*Voo de chaleira* era um termo naval para voar com os propulsores de manobras que usava vapor superaquecido para a massa de reação. O propulsor de fusão da *Knight* seria perigoso de usar tão perto da *Canterbury*, além de ser um desperdício numa viagem tão curta. Os propulsores antecediam os motores de fusão Epstein e eram muito menos eficientes.

— A pedir autorização para sair — anunciou Holden, e mudou das comunicações internas para a ligação com a ponte de comando da *Canterbury*. — Daqui fala Holden. A *Knight* está pronta para voar.

— *OK*, Jim, pode avançar — declarou McDowell. — A Ade vai fazê-la parar agora. Tenham cuidado aí fora, miúdos. Esse vaivém é caro e eu sempre tive um carinho especial pela Naomi.

— Entendido, capitão — disse Holden. De volta às comunicações internas, ele contactou Alex. — Vá em frente e leve-nos para fora daqui.

Holden recostou-se na cadeira e ouviu os rangidos das manobras finais da *Canterbury*, o aço e a cerâmica tão ruidosos e ameaçadores como as tábuas de madeira de um navio. Ou como as articulações de um terráqueo depois de gravidade elevada. Por um momento, Holden sentiu solidariedade para com a nave.

Não iam verdadeiramente parar, claro. Nada no espaço parava realmente; apenas entrava numa órbita correspondente a algum outro objeto. Eles estavam agora a seguir o CA-2216862 na sua viagem de milénios em volta do Sol.

Ade deu-lhes sinal para avançarem, e Holden esvaziou o ar do hangar e abriu as portas. Alex tirou-os do cais sobre cones brancos de vapor superaquecido.

Foram à procura da *Scopuli*.



O CA-2216862 era uma rocha com meio quilómetro de comprimento que vagueara para longe da Cintura e que fora puxada pela gravidade enorme de Júpiter. Acabara por encontrar a sua própria órbita lenta em volta do Sol na vasta extensão entre Júpiter e a Cintura, um território bastante vazio.

A imagem da *Scopuli* pousada gentilmente contra o asteroide, mantida no lugar pela fraca gravidade da rocha, causou um arrepio a Holden. Mesmo que estivesse a voar às cegas, com todos os instrumentos avariados, a probabilidade de ir contra um objeto destes era infinitesimalmente baixa. Era um obstáculo de meio quilómetro numa autoestrada com milhões de quilómetros de diâmetro. Não chegara ali por acidente. Ele coçou os pelos levantados na sua nuca.

— Alex, mantenha-nos a dois quilómetros de distância — pediu Holden. — Naomi, o que é que me podes dizer sobre aquela nave?

— A configuração do casco corresponde à informação no registo. É definitivamente a *Scopuli*. Não está a radiar no eletromagnético nem no infravermelho. É só aquele pequeno sinal de alerta. Parece que o reator está desligado. Deve ter sido manual, e não por estragos, porque não estamos a detetar nenhuma fuga de radiação — informou Naomi.

Holden atentou nas imagens que estavam a obter com os telescópios da *Knight*, e também na imagem que a *Knight* criara ao lançar um *laser* contra o casco da *Scopuli*.

— E aquela coisa que parece um buraco na lateral?

— Hum — soltou Naomi. — O ladar diz que é um buraco na lateral.

O rosto de Holden franziu-se.

— *OK*, vamos ficar aqui por um minuto e voltar a verificar a vizinhança. Alguma coisa no telescópio, Naomi?

— Nada. E o equipamento da *Cant* consegue detetar um miúdo a atirar pedras em Luna. A Becca diz que não há ninguém num raio de vinte milhões de quilómetros — assegura Naomi.

Holden tamborilava um ritmo complicado no braço da sua cadeira, e flutuava para cima nas correias. Sentia-se quente, e estendeu o braço para direcionar a abertura de circulação de ar mais próxima até ao seu rosto. O seu escalpe arrepiava-se com o suor a evaporar.

*Se vir alguma coisa lá fora que pareça estranha, não se volte a armar em herói. Só tem de dar meia volta e regressar.* Estas eram as suas ordens. Olhou para a imagem da *Scopuli*, para o buraco na sua lateral.

— Muito bem — disse ele. — Alex, leve-nos até meio quilómetro, e mantenha-nos aí. Vamos até à superfície no meca. Ah, e mantenha

o propulsor aquecido e pronto. Se houver alguma coisa má escondida naquela nave, quero poder fugir o mais rápido que conseguir e esturricar qualquer coisa atrás de nós enquanto o faço. Entendido?

— Entendido, chefe. A *Knight* está pronta para fugir como uma lebre até pedir o contrário — respondeu Alex.

Holden olhou para a consola de comando mais uma vez, procurando a luz vermelha de alerta a piscar que lhe daria permissão para regressar à *Cant*. Tudo permanecia num tom suave de verde. Abriu as suas correias e empurrou-se para fora da cadeira. Um apoio na parede com um pé mandou-o até à escada, e ele desceu de cabeça com leves toques nos degraus.

Na área da tripulação, Naomi, Amos e Shed ainda estavam presos aos seus assentos amortecedores. Holden agarrou-se à escada e baloiçou-se para não ver a tripulação de cabeça para baixo. Eles começaram a soltar-se dos seus assentos.

— Muito bem, eis a situação. A *Scopuli* ficou com um buraco, e alguém a deixou a flutuar junto a esta rocha. Ninguém aparece nos telescópios, por isso talvez signifique que aconteceu há algum tempo e que já partiram. Naomi, tu vais conduzir o meca de resgate, e nós os três vamos agarrar-nos e apanhar uma boleia até aos destroços. Shed, tu ficas com o meca a não ser que encontremos alguém ferido, algo que me parece improvável. Eu e o Amos vamos entrar na nave por aquele buraco e dar uma espreitadela. Se encontrarmos alguma coisa que se pareça minimamente com uma armadilha, voltamos para o meca, a Naomi traz-nos de volta à *Knight*, e fugimos. Alguma questão?

Amos levantou uma mão carnuda.

— Talvez devêssemos estar armados, vice. Caso haja algum tipo de pirata ainda a bordo.

Holden riu-se.

— Bem, se houver, então a boleia partiu sem eles. Mas se te deixa mais confortável, podes trazer uma arma.

O facto de o grande e entroncado mecânico da Terra trazer uma arma também deixava Holden mais confortável, mas era melhor não o dizer. Tinha de deixá-los pensar que o tipo no comando se sentia confiante.

Holden usou a sua chave de capitão para abrir o cacifo de armas, e Amos tirou uma arma automática de calibre alto que disparava munições com autopropulsão, sem coice e concebida para ser usada em zero *g*. As lança-balas à moda antiga eram mais fiáveis, mas em gravidade nula também eram propulsores para manobrar. Uma pistola tradicional causaria impulso suficiente para atingir a velocidade de escape numa rocha do tamanho do CA-2216862.

A tripulação flutuou até ao compartimento de carga, onde a armação aberta em forma de ovo e com patas de aranha do meca da Naomi a esperava. Cada uma das quatro patas tinha uma garra manipuladora na ponta e uma variedade de ferramentas de corte e de solda embutidas. O par traseiro conseguia agarra-se ao casco de uma nave ou a outra estrutura para se apoiar, e as da frente podiam ser usadas para fazer reparações ou cortar os destroços em pedaços transportáveis.

— Ponham os capacetes — indicou Holden, e a tripulação entreajudou-se a pôr e a prender os capacetes. Todos verificaram o seu próprio fato e depois o de mais alguém. Quando as portas do compartimento de carga abrissem, seria demasiado tarde para verificar se estavam bem equipados.

Enquanto Naomi subia para o seu meca, Amos, Holden e Shed prendiam os cabos dos seus fatos à armação de metal do *cockpit*. Naomi verificou o meca e depois carregou no interruptor para iniciar o ciclo da atmosfera do compartimento de carga e abrir as portas. O som dentro do fato de Holden desvaneceu, até se ouvir apenas o sibilo de ar e a estática ténue do rádio. O ar tinha um cheiro ligeiramente medicinal.

Naomi foi primeiro, levando o meca em direção à superfície do asteroide com pequenos jatos de nitrogénio. A tripulação seguia atrás dela com cabos de três metros. Enquanto voavam, Holden olhou para trás, para a *Knight*: um calço cinzento volumoso com um cone preso à ponta mais larga. Como tudo o resto que os humanos construíram para as viagens espaciais, foi concebida para ser eficiente, não bonita. Isso sempre deixara Holden um pouco triste. Deveria haver espaço para a estética, mesmo aqui fora.

A *Knight* parecia flutuar para longe dele, ficando cada vez mais pequena enquanto ele não se mexia. A ilusão desapareceu quando ele se

virou para ver o asteroide e se sentiu a cair na direção dele. Abriu um canal de comunicação com Naomi, mas ela estava a cantarolar para si mesma enquanto pilotava, o que significava que ela, pelo menos, não estava preocupada. Ela não disse nada, mas deixou o canal aberto para ouvir a sua melodia.

De perto, a *Scopuli* não parecia estar assim tão mal. Tirando o buraco aberto no seu flanco, não tinha quaisquer danos. Claramente não batera no asteroide; simplesmente fora deixada perto o suficiente para que a microgravidade a puxasse lentamente. Ao aproximarem-se, Holden tirou fotografias com o seu capacete e transmitiu-as à *Canterbury*.

Naomi fê-los parar, pairando três metros acima do buraco na lateral da *Scopuli*. Amos assobiou pelo canal geral dos fatos.

— Isto não foi causado por um torpedo, vice. Isto foi uma carga de abertura. Veem como o metal está dobrado nas bordas? Foi causado por cargas presas no casco — disse Amos.

Além de ser um bom mecânico, Amos era quem usava métodos explosivos para rachar os icebergues a flutuar em torno de Saturno e transformá-los em pedaços mais fáceis de transportar. Outra razão para o ter na *Knight*.

— Então — disse Holden —, os nossos amigos aqui na *Scopuli* param, deixam alguém trepar para o seu casco e plantar carga de abertura, abrindo-lhes a nave e deixando todo o ar sair. Isso faz sentido para algum de vocês?

— Não — respondeu Naomi. — Não faz. Ainda queres entrar?

*Se vir alguma coisa lá fora que pareça estranha, não se volte a armar em herói. Só tem de dar meia volta e regressar.*

Mas o que poderia ele ter esperado? Claro que a *Scopuli* não estava a funcionar. Claro que algo correra mal. *Estranho* seria não ver nada fora do comum.

— Amos — disse Holden —, mantenha essa arma pronta, pelo sim pelo não. Naomi, podes alargar o buraco para nós? E tem cuidado. Se algo parecer suspeito, afasta-nos.

Naomi aproximou o meca. Os jatos de nitrogénio não eram mais do que um fôlego branco numa noite fria. O maçarico de solda do meca ganhou vida, vermelho de início, depois branco, e por fim azul. Em

silêncio, os braços do meca desenrolaram-se num movimento de inseto, e Naomi começou a cortar. Holden e Amos pousaram na superfície da nave, prendendo-se com botas magnéticas. Ele conseguia sentir a vibração nos seus pés quando Naomi libertou um pedaço do casco. Um momento depois, o maçarico desligou-se, e Naomi apontou o mecanismo de supressão de fogo às bordas do buraco para as arrefecer. Holden levantou o polegar a Amos e desceu muito lentamente para dentro da *Scopuli*.

A carga de abertura fora colocada quase exatamente a meio da nave, abrindo um buraco na cozinha. Quando Holden pousou e as suas botas se agarraram às paredes da cozinha, ele conseguiu sentir pedaços de comida congelados a estalar sob elas. Não havia corpos à vista.

— Entre, Amos. Ainda não há tripulação visível — chamou Holden pelas comunicações dos fatos.

Desviou-se para o lado e, um momento depois, Amos apareceu, com a arma na mão direita e uma luz forte na esquerda. O feixe branco atravessava as paredes da cozinha destruída.

— Por onde seguimos primeiro, vice? — perguntou Amos.

Holden bateu na coxa com uma das mãos e refletiu.

— Engenharia. Quero saber porque é que o reator está desligado.

Subiram pela escada da tripulação, trepando-a em direção à popa da nave. Todas as portas de pressão entre pisos estavam abertas, o que era um mau sinal. Deviam estar todas fechadas por defeito, e certamente se o alarme de perda de atmosfera tivesse soado. Se estavam abertas, isso significava que não havia sobreviventes. Não era surpresa, mas ainda parecia uma derrota. Percorreram a pequena nave rapidamente, parando na sala das máquinas. Ferramentas e peças caras dos motores ainda estavam no lugar.

— Parece que não foi um assalto — comentou Amos.

Holden não disse *Então o que foi?*, mas a pergunta pairava entre eles.

A sala dos motores estava intocada, fria e morta. Holden esperou enquanto Amos a examinou, passando pelo menos dez minutos apenas a flutuar junto ao reator.

— Alguém completou os procedimentos para o desligar — disse Amos. — O reator não foi destruído pela explosão, foi desligado depois. Não

há danos que eu consiga ver. Não faz sentido. Se toda a gente morreu no ataque, quem o desligou? E se foram piratas, porque não levaram a nave? Ela ainda voa.

— E antes de o desligarem, percorreram a nave e abriram todas as portas de pressão interiores. Esvaziaram o ar. Parece que queriam assegurar-se de que ninguém estava escondido — realçou Holden. — *OK*, vamos voltar às operações e ver se conseguimos aceder ao núcleo computacional. Talvez nos consiga mostrar o que aconteceu.

Flutuaram de volta em direção à proa, seguindo pela escada da tripulação, e subiram até ao nível das operações. Estava demasiado intacto e vazio. A ausência de corpos começava a incomodar Holden, mais do que a presença deles teria. Ele flutuou até à consola principal e pressionou algumas teclas para ver se ainda estaria a funcionar com energia de reserva. Não estava.

— Amos, começa a cortar o núcleo. Vamos levá-lo connosco. Vou verificar as comunicações, para ver se consigo encontrar aquele sinal de socorro.

Amos aproximou-se do computador e começou a pegar em ferramentas e a prendê-las ao seu lado. Murmurou uma série de asneiras enquanto trabalhava. Estava longe de ser tão agradável como a melodia de Naomi, pelo que Holden desligou a sua ligação a Amos enquanto se deslocava até à consola de comunicações. Estava desligada como o resto da nave. Ele encontrou o sinal de socorro.

Ninguém o ativara. Fora outra coisa a chamá-los. Holden recuou, franzindo o rosto.

Olhou pelo espaço, procurando algo fora do lugar. Ali, sob a consola do operador de comunicações. Uma pequena caixa preta que não estava ligada a nada.

O seu coração fez uma longa pausa entre batimentos. Ele chamou Amos.

— Aquilo parece-lhe uma bomba?

Amos ignorou-o. Holden voltou a ligar a sua ligação por rádio.

— Amos, aquilo parece-lhe uma bomba? — Apontou para a caixa no chão.

Amos abandonou o seu trabalho no computador e flutuou para espreitar. Depois, num movimento que fez com que a garganta de Holden se fechasse, arrancou a caixa do chão e ergueu-a à sua frente.

— Não. É um transmissor. Vê? — Ergueu-a à frente do capacete de Holden.

— Só que tem uma bateria colada. O que está isto a fazer aqui?

— É o sinal de socorro que seguimos. Céus! O sinal da nave nem sequer foi ativado. Alguém criou um falso com aquele transmissor e ligou-o a uma bateria — disse Holden baixinho, ainda a tentar controlar o seu pânico.

— Porque é que alguém faria isso, vice? Isso não faz qualquer sentido.

— Faz se houver algo neste transmissor que seja diferente do costume — argumentou Holden.

— Tipo o quê?

— Tipo se tivesse um segundo sinal a ativar-se quando alguém o encontrasse — respondeu Holden, e então mudou para o canal geral dos fatos. — Muito bem, meninos e meninas, encontrámos algo estranho, e vamos bazar daqui. Toda a gente de volta à *Knight*, e tenham muito cuidado quando…

O rádio ganhou vida no canal exterior, com a voz de McDowell a inundar o seu capacete.

— Jim? Talvez haja um problema aqui.